

ESCOLA COMO AMBIENTE SOCIAL: APONTAMENTOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL I

*Andressa C. R. de Carvalho¹ - UEL
Leoni Maria Padilha Henning² - UEL*

Resumo: Esse artigo foi desenvolvido em torno das ideias de alguns autores, em especial, John Dewey, em cujo referencial teórico foi acrescido o pensamento de Anísio Teixeira, dentre outros, o que nos permitiu entender a realidade educacional atual, considerando as experiências de Dewey na Escola Laboratório de Chicago e as de Teixeira na Escola Parque em Salvador. Nosso interesse, nesta oportunidade, é investigar se tais experiências educacionais dialogam com a realidade vivenciada no Ensino Fundamental I, especificamente na integração entre as disciplinas História e Geografia. Obtivemos, com essa pesquisa, a percepção do quanto não deva ser endereçada à formação apenas a obtenção e aumento de conteúdo a partir de uma perspectiva “massificadora”, e sim que as propostas formativas devam favorecer o desenvolvimento individual, tornando as pessoas capazes de pensar e refletir amplamente, incluindo no rol dos seus interesses as questões que afetam a sociedade em que vivem. Foi o que pudemos aferir ao analisar o trabalho desenvolvido tomando por base a integração das disciplinas em apreço neste estudo. Vimos ainda a necessidade de a escola não ser considerada uma vida paralela à vida social ou vista como uma experiência isolada idealisticamente, mas que os jovens devam viver sua vida de modo independente e autônomo em qualquer situação em que se encontrem, relacionando as experiências externas com aquelas que obtenham na escola, sendo estas mais bem organizadas e selecionadas em prol de sua formação com vistas ao bem comum.

Palavras-chave: Educação Escolar. Ciências Naturais. Experiência. Dewey.



¹ Professora da Educação Fundamental I no Colégio Rio Branco (SP). Pedagoga pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro ativo do Grupo de Pesquisa “Positivismo e Pragmatismo e suas Relações com a Educação” – GP PPEU. E-mail: andressa_righi@yahoo.com.br; andressa.carvalho@crb.g12.br

² Doutora em Educação pela UNESP e Pós-Doutora em Filosofia pela UFSC. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Emails: leoni.henning@yahoo.com; lhenning@uel.br

SCHOOL AS A SOCIAL ENVIRONMENT: POINTS FROM THE TEACHING EXPERIENCE IN ELEMENTARY SCHOOL

Abstract: This article was developed around the ideas of some authors, especially John Dewey, to whose theoretical reference the thought of Anísio Teixeira, among others, was added. This allowed us to understand the current educational reality, considering the Dewey's experiences in Laboratory School of Chicago and those of Teixeira in Escola Parque Salvador, Bahia. Our interest, in this opportunity, is to investigate if such educational experiences dialogue with the reality lived in Elementary School, specifically in the integration between the History and Geography subjects. We obtained with this research the perception of how training should not only be aimed at obtaining and increasing content from a "mass" perspective, but rather that the formative proposals should favor individual development, making people able to think and reflect broadly including in the roll of their interests the issues that affect the society in which they live. This is what we were able to assess when analyzing the work developed, based on the integration of the subjects under consideration in this study. We also considered the need for school not to be seen as a parallel life in relation to social life or seen as an idealistically isolated experience, but that young people should live their lives in an independent and autonomous way in any situation where they are, relating the external experiences with those they obtain in the school, being the latter better organized and selected for the sake of their training for the common good.

Keywords: Schooling. Natural Sciences. Experience. Dewey.

LA ESCUELA COMO AMBIENTE SOCIAL: APUNTES A PARTIR DE LA EXPERIENCIA DOCENTE EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Resumen: Este artículo fue desarrollado en torno a las ideas de algunos autores, en especial, John Dewey, en cuyo referencial teórico se añade el pensamiento de Anísio Teixeira, entre otros, lo que nos permitió entender la realidad educativa actual, considerando las experiencias de Dewey en la Escuela Laboratorio de Chicago y las de Teixeira en la Escuela Parque in Salvador. Nuestro interés, en esta oportunidad, es investigar si tales experiencias educativas dialogan con la realidad vivenciada en la Educación Primaria, específicamente en la integración entre las disciplinas Historia y Geografía. Hemos obtenido con esta investigación la percepción de cuánto no debe dirigirse a la formación sólo la obtención y aumento de contenido desde una perspectiva "masificadora", sino que las propuestas formativas deben favorecer el desarrollo individual, haciendo que las personas puedan pensar y pensar reflejando ampliamente, incluyendo en el rol de sus intereses las cuestiones que afectan a la sociedad donde viven. Fue lo que pudimos ver al analizar el trabajo desarrollado tomando como base la integración de las disciplinas en aprecio en este estudio. Vimos también la necesidad de que la escuela no sea considerada una vida paralela a la vida social o vista como una experiencia aisladamente idealista, pero que los jóvenes deban vivir su vida de modo independiente y autónomo en cualquier situación en que se encuentren, relacionando las experiencias externas con aquellas que obtengan en la escuela, siendo estas mejor organizadas y seleccionadas en favor de su formación con vistas al bien común.

Palabras clave: Educación Escolar. Ciencias Naturales. Experiencia. Dewey

Introdução

O presente estudo versa sobre a educação escolar e as responsabilidades sociais no Ensino Fundamental I, fundamentado no pensamento de diferentes estudiosos renomados, como John Dewey e todos aqueles que seguiram sua marcante tradição pedagógica.

Neste texto oportunizamos o diálogo entre intelectuais renomados em torno do tema, pois a nosso ver cabe aos estudos científicos não se restringir apenas aos conceitos anteriormente incorporados à interpretação da educação pelo pesquisador, mas fundamentalmente acrescentar outras visões necessárias à solução dos problemas educacionais a serem enfrentados continuamente.

A fim de explicitar o dito acima, vimos relatar que em iniciações científicas anteriores, nós já havíamos nos arriscado e comprovado possibilidades de estabelecer o diálogo entre os autores, Dewey, Freire e Teixeira, contudo, as novidades aqui são: trazer a temática para o Ensino Fundamental I e dialogar com Ivani Fazenda (2011) em vista de obtermos fundamentação mais direcionada para essa etapa da educação básica.

O propósito inicial é explicitar o porquê da escolha do filósofo norte-americano John Dewey (1859 – 1952) como principal referencial, pois o mesmo é considerado um grande filósofo que exerceu forte influência sobre o pensamento pedagógico em grande parte do mundo, e no Brasil não foi diferente. Sua obra, além de permear o campo da educação, da psicologia e da filosofia, contribuiu na sistematização do pragmatismo clássico, cooperando também para a formação e maior identificação filosófica da chamada “escola nova”, cujo cerne teórico traz a marca da “escola progressiva” – traços que inclui o autor nas referências importantes do pensamento filosófico brasileiro.

Podemos perceber que Dewey apresenta em seus estudos sobre educação uma tendência a entendê-la pelo caráter processual que a caracteriza, ou seja, acredita na formação humana como algo que continuamente percorre a vida toda dos indivíduos. E essa visão, já podemos adiantar, está presente muito claramente na perspectiva freiriana, por exemplo.

Nesse sentido, cabe uma análise sobre a educabilidade - qualidade fertilizadora do processo educativo perene. Tal processo ocorre nas escolas, mas não somente nelas,

percorrendo a vida dos seres humanos situados num mundo em mudança e vivendo numa rede de inconclusões, o que justifica a necessidade dos vínculos sociais.

Em primeiro lugar, apresentaremos a perspectiva inovadora de John Dewey, cujo autor elaborou um cuidadoso ambiente escolar junto à Universidade de Chicago, conhecido como Escola Laboratório de Chicago em que exercitou pessoalmente as suas ideias sobre educação.

A Escola Laboratório de Chicago, baseava-se na articulação entre o interesse e a experiência das crianças, mobilizando uma organização cooperativa em busca do conhecer/saber, além de que sua filosofia originou-se das reflexões sistemáticas que ocorreram ao longo da existência dessa instituição escolar.

A princípio, a escola era norteada por quatro questões que se aproximavam das descritas a seguir: como se poderia fazer para criar uma proximidade entre a escola e a vida do aluno fora da escola? O que poderia ser feito, no sentido de introduzir na rotina escolar, as disciplinas como, a História, Geografia, Ciências, Artes, com um valor positivo e de modo significativo e efetivo para a vida do aluno? Como o ensino formal poderia introduzir as habilidades, como ler, escrever e utilizar os números, nas experiências do dia a dia das crianças, fazendo com que elas sentissem que tais habilidades eram realmente necessárias? E, como dar o máximo de atenção para os alunos, pensando na individualidade de cada um?

Essas questões levaram o autor a perceber e comprovar a impossibilidade de desvincular a filosofia defendida da prática exercida em uma escola. Além de que percebeu o importante papel da escola, no que se diz respeito a valores e construção de uma sociedade democrática.

Considerada a instituição escolar necessária e, portanto, indispensável ao crescimento contínuo do ser humano, podemos conceber com maior clareza que a educação se aproxima do significado da própria vida. Vejamos:

[...] vida é desenvolvimento e [...] o desenvolver-se, o crescer é a vida. Traduzido em termos educacionais equivalentes, isto significa: 1º que o processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim; e que, 2º o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar (DEWEY, 1979, p.53).

Assim, o crescimento torna-se uma característica da vida, sendo a educação e o crescimento fenômenos que se aproximam, principalmente, pelo fato de que ambos não têm qualquer fim “último” para além de si mesmos.

A partir do conceito de crescimento é que podemos expor que a sociedade requer uma educação também diferenciada, ou seja, uma que corresponda ao movimento contínuo do homem em seu meio em mudança, no qual se encontra operando de forma a poder controlar inteligente e conscientemente as suas experiências.

Acreditando não haver separação entre educação e vida, para Dewey (1979, p.4) “[...] as escolas são, com efeito, um meio importante de transmissão para formar a mentalidade dos imaturos [...]”, ou seja, **a escola básica deve ser um espaço de socialização** em que as crianças encontrem oportunidades para adquirir conhecimentos e práticas úteis para a sua vida, sendo o papel principal desta instituição a preparação do aluno para efetivamente viver no mundo em constantes mudanças, aprender vivendo, fazendo.

Quanto ao processo educativo, o autor salienta os interesses da criança, visto que oportunizando os alunos o conhecimento efetivamente vivenciado pelas experiências concretas, seja a forma mais adequada de estimular a investigação nos educandos, partindo de situações de dúvida e de incerteza diante da vida real e natural que todos vivemos. E é por meio da escola que devemos dispor as condições objetivas, embora planejadas, intencionalizadas e fictícias, para que as crianças venham a crescer no âmbito do saber.

Sempre levando em conta que o ser humano é considerado aquele que naturalmente vive numa complexa condição de crescimento contínuo e progressivo, bastando estar vivo para manifestar a capacidade de se desenvolver, é especialmente no âmbito escolar, porém, que se possibilita a efetivação de tal acontecimento. Nosso crescimento não se desenvolve somente no patamar físico e material, mas intelectual e existencial – e, nesse sentido, se trata de um fenômeno cujo processo visa um crescimento que é potencialmente possível. Aprendemos a lidar melhor com o mundo e a interagir com ele na proporção do nosso conhecimento educacional que pode gerar crescimento formativo.

Cabe levar em conta que “A educação, em seu sentido mais lato, é o instrumento [...] [de] continuidade social da vida” (DEWEY, 1979, p.2, acréscimo nosso), daí afirmarmos que por meio das experiências, da vida, das comunicações é que se constroem conhecimentos dos mais simples aos mais complexos, mas sempre tendo em vista que o conhecimento significa “[...] tornar uma experiência livremente aproveitável em outras experiências” (DEWEY, 1979, p.373).

Por esse motivo, a seguir discutiremos o papel social inerente à educação, especialmente no que diz respeito à instituição escolar, para mais adiante ser possível compreender essa experiência tão enfatizada nos estudos deweyanos.

Educação: Frente a seu Papel Social

Em se tratando de valores educacionais, devemos compreender que a vida vem em primeiro lugar e, conseqüentemente, há a necessidade de enriquecê-la, pois, de novo, educação é vida. Como organismos sociais, precisamos estar guiados pela nossa ação, pela educação realizada em todos os âmbitos da sociedade, no sentido de nos comunicarmos e estabelecermos o que é prioritário para o aprimoramento da vida.

Isto nos faz crer que devemos evitar entender a educação formal como desligada da vida experienciada espontaneamente para além das paredes da escola. Nas palavras de Dewey (1979, p.16) “[...] quer dizer que a escola não deve ser isolada da vida comum, mas tem de simplificá-la, purificá-la e melhorá-la”. E, sobretudo, que a escola se comprometa com o desenvolvimento de seres capazes de continuar o processo formativo mesmo após encerrar um determinado período formal de estudos.

Tal prolongamento, de acordo com Fazenda, deve partir de três princípios, dos quais melhor nos interessa o “[...] Engajamento na vida social e política da cidade” (2011, p.79). Neste sentido “[...] é necessário o exercício de uma Educação Permanente que tenha se iniciado numa prática interdisciplinar” (FAZENDA, 2011, p.80).

Com efeito, a escola tornou-se um ambiente especial para o tratamento e ingerência dos elementos presentes no mundo moderno. Considerando a cuidadosa e necessária transmissão de cultura essencial para uma vida de caráter independente nas diversas camadas sociais, próprias de um regime democrático, aberto, de transição livre

entre as salas de aula, entende-se a escola como o espaço facilitador do conhecimento pertinente a uma sociedade em mudança e em desenvolvimento.

Especialmente, o Ensino Fundamental I se encaixa nessa progressão do ensino infantil defendida por Dewey (1979, p.21) ao dizer que

Selecionando os aspectos mais fundamentais, e que sejam capazes de despertar reações da parte dos jovens, estabelece a escola, em seguida, uma progressão, utilizando-se dos elementos adquiridos em primeiro lugar como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas mais complexas.

O ensino consciente pode possibilitar que as aptidões formadas se desenvolvam amplamente, de forma mais humana, tornando sua atividade mais rica de significação, sem nos esquecermos, contudo, que a influência educativa também acontece casualmente por intermédio do ambiente.

As escolas, todavia, continuam sendo o exemplo chave para tratar do meio especialmente preparado para influir na direção do desenvolvimento das crianças, correspondendo às novas especificações dos setores sociais e suas exigências.

Concomitantemente com essa ideia, Dewey identifica esta instituição como um modo particular de intercâmbio social, uma vez que surge para assegurar a parte complexa impossível de ser apreendida integralmente nas relações casuais entre as pessoas.

Deste modo, tal meio especial tem por principais funções: proporcionar um ambiente simplificado da sociedade, eliminar os aspectos desvantajosos do ambiente comum e superar as limitações do grupo social em que se vive.

A escola tem também por responsabilidade fazer com que os indivíduos percebam que a sociedade é composta por muitos outros ambientes sociais e que deles sofremos influências, inexoravelmente. Assim, a instituição escolar, de modo fortalecedor e integrador, deve atentar para a realidade dos demais meios observando que sempre um código tende a prevalecer. Portanto, entende-se como incumbência da escola.

[...] simplificar e coordenar os fatores da mentalidade que se pretenda desenvolver; purificar e idealizar os costumes sociais existentes; criar um meio mais vasto e melhor equilibrado do que aquele pelo qual os imaturos, abandonados a si mesmos, seriam provavelmente influenciados. (DEWEY, 1979, p.24).

Mesmo havendo escola, enquanto uma instituição especializada, a educação ainda acontece lá fora, o que resulta em mais exigências, principalmente em relação aos educadores, já que eles são os responsáveis por simplificar, condensar, selecionar, avaliar as experiências externas às escolas, fazendo com que não seja favorecida a deseducabilidade, uma vez que a ideia reguladora da educação é o crescimento humano.

Conforme as sugestões de Fazenda, o papel do professor é “[...] acompanhar o aluno, de maneira que ambos vivam a comunicação educacional como uma intersubjetividade, atitude esta que irá possibilitando a troca contínua de experiências” (FAZENDA, 2011, p.80).

No que diz respeito a como dispor a matéria para os alunos do Ensino Fundamental I, que já estão dispostos em um sistema composto por diferentes áreas do conhecimento, Dewey (1979, p.76) , alega que

[...] a tarefa do educador é primeiramente selecionar o material apropriado de modo a fixar a natureza das primeiras reações - e, em segundo lugar, ordenar a série de apresentações subsequentes na base do lastro de idéias assegurado pelos processos anteriores.

Em seguida, Dewey, antecipa a questão aprofundada por Fazenda mais adiante, ao dizer que “[...] após a apresentação destas [ideias], seguem-se os processos de interação entre as novas e as velhas; depois vem a aplicação do conteúdo ou conjugação nova recentemente formada à execução de algum trabalho” (1979, p.76, acréscimo nosso).

Antecipamos também que em itens seguintes, iremos tratar das relações das experiências pessoais com a educação no Ensino Fundamental I, explicitando o trabalho de interação entre as disciplinas História e Geografia, cujo objetivo é também fazer com que as crianças aprendam a comparar em âmbito duplo (geográfico e histórico) o presente e o passado.

Experiência Direta e Pessoal: Habilidades de Aprender

A fim de introduzir a discussão centrada na “experiência e suas relações” frente à necessidade de criar hábitos para aprender, ou seja, desenvolver habilidades de

aprender, trazemos aqui uma questão norteadora apresentada por Fazenda (2011, p. 108):

Que experiências de aprendizagem devem ser promovidas para o alcance desses fins e como podem ser efetivamente organizadas para prover a aprendizagem em continuidade e sequência e para auxiliar o aluno a integrar o que de outra maneira apareceria como experiência isolada de aprendizagem?

Assim, cabe dissertarmos sobre uma das ideias principais de Dewey que é a experiência como própria da vida natural, mas que, enquanto fator contínuo presente nos processos de renovação amplia-se ao agrupamento social, afetando diretamente a educação, já que esta, inicialmente, é considerada instrumento da continuidade social da vida e pode aprimorar o próprio processo de continuidade.

De acordo com Dewey (1971, p. 14), contudo, não devemos confundir educação com experiência, pois “Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas experiências posteriores”.

Cabe ressaltar, entretanto, que educação é desenvolvimento “por” e “para” a experiência. “Por”, porque faz parte dos processos de renovação da vida; “para”, porque deve se pautar no crescimento, nos fins-em-vista que nunca são plenamente alcançados pois continuamente se transformam em “meios” para outros “fins”, tratando-se a educação, portanto, de um processo permanente de formação humana, conceito já anteriormente enfatizado.

Daí ser preferível o uso desse conceito no gerúndio, ao invés de no substantivo para evitar a ideia de fixidez. O processo educativo é compreendido pois, como “crescendo” – expressão que intenta expor a ideia de desenvolvimento, ou seja, no sentido de conduzir a um crescimento contínuo, o que contempla e reforça a definição de educação como crescimento. Neste sentido, cabe ao educador saber julgar quais atividades e experiências contribuem e conduzem ao crescimento contínuo.

Assim, o profissional da educação deve

[...] estudar as capacidades e necessidades do grupo que tiver de educar e, ao mesmo tempo, dispor e ordenar as condições para que a matéria ou conteúdo das experiências seja tal que satisfaça aquelas necessidades e desenvolva aquelas capacidades. O planejamento deve ser suficientemente flexível para permitir o livre exercício da experiência individual e, ainda assim, suficientemente firme para dar direção ao contínuo desenvolvimento da capacidade dos alunos. (DEWEY, 1971, p. 54)

Em virtude do já pontuado, devemos explorar também que a educação é necessária para a continuação da existência social, consistindo primariamente na transmissão, por meio da comunicação, para a aquisição de experiências mais amplas.

Em suma, somos educados indiretamente pelo meio social em que vivemos, no entanto, a escola, ambiente educativo especial, é responsável por proporcionar uma situação simplificada/selecionada, que desperte nos jovens a curiosidade de compreender as coisas de forma mais complexa. Em seguida, a escola deve eliminar os aspectos desvantajosos do ambiente comum que possam exercer influências deseducativas.

Por fim, ela também tem o compromisso de equilibrar os vários elementos do ambiente social, tendo em vista dar a cada indivíduo a oportunidade de ter contato com um ambiente mais amplo, produtivo e satisfatório. Nas palavras de Dewey (1979, p. 23), "A escola tem igualmente a função de coordenar, na vida mental de cada indivíduo, as diversas influências dos vários meios sociais em que ele vive".

Tendo por base que a sociedade se renova constantemente devido ao crescimento educativo dos componentes imaturos do grupo, entendemos que a educação pode elevar o indivíduo, transformando as qualidades das suas experiências. Nossas ações se desenvolvem na e pelas relações sociais, mas precisam do aporte do compartilhamento das intenções, das ideias, finalidades, entendimento e interesses comuns de um grupo. Daí deduzirmos que uma real sociedade não se caracteriza tão-somente pelo agrupamento de pessoas, mas antes de tudo, pelo compartilhamento do que há de mais importante para a identidade e realização daquele grupo social considerado.

Assim, como nos adverte Dewey: "O que precisamos mais detidamente patentear é o modo pelo qual o meio social desenvolve seus membros imaturos". Pois, se "[...] a atividade do ser humano imaturo é simplesmente provocada para a aquisição de hábitos úteis [podemos compreender que, neste caso] É mais adestrado como um animal do que educado como um ser humano (DEWEY, 1979, p.14, acréscimos nossos)"

Por isso, vale identificarmos a importância da linguagem na aquisição do conhecimento que é socialmente transmitido, ou seja, feito diretamente de uma pessoa para outra. Contudo,

Quando as palavras não entram como fatores em uma ação compartilhada – quer real, quer imaginariamente – elas oprimem como puros estímulos físicos, não tendo significação ou valor intelectuais. Fazem a atividade correr em um dado leito, mas desacompanhada de intenção ou significação consciente (DEWEY, 1979, p. 18).

A linguagem envolve a comunicação, o que acaba por ser um dos principais modos de aprender, especialmente nas primeiras fases da vida, já que uma criança inicialmente começa a identificar os sons, para só depois experimentar significativamente e conseguir compreender.

Sendo assim, esse uso da linguagem

[...] é uma extensão e aperfeiçoamento do princípio de que as coisas adquirem significação quando usadas em uma experiência partilhada ou em uma ação conjunta; de modo algum a aplicação da linguagem contravém àquele princípio. (DEWEY, 1979, p.17).

A linguagem, portanto, no meio educativo, não pode se configurar como um solilóquio ou um completo trabalho subjetivo.

Na constante relação com o meio social percebemos que existem muitos ensinamentos, por isso, podemos dizer que a partir da participação no ambiente social é que ocorre um influxo educativo ou formativo. Nesse sentido, os conceitos discutidos até aqui não se restringem a uma determinada ou única faixa etária. Nosso intuito é, a partir deste momento, afinarmos e especificarmos uma etapa da educação básica como nosso foco neste trabalho.

Prontamente nesse próximo item iremos realizar um salto para dentro da realidade vivenciada especificamente no Ensino Fundamental I, onde se iniciam as áreas de conhecimento.

Integração das Disciplinas: História e Geografia

A fim de iniciar essa discussão trazemos aqui um trecho das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, no qual observamos que:

[...] é necessário entender a educação não apenas como ensino, não no sentido de habilitar, de “dar” competência, mas no sentido de humanizar. A pedagogia

que trata dos processos de humanização, a escola, a teoria pedagógica e a pesquisa, nas instâncias educativas, devem assumir a educação enquanto processos temporal, dinâmico e libertador, aqueles em que todos desejam se tornar cada vez mais humanos (BRASIL, 2013, p.56).

Surge assim, a necessidade de a escola adotar a abordagem interdisciplinar, definida e “[...] entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de **integração das diferentes áreas do conhecimento**, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento” (BRASIL, 2013, p.28, grifos nossos).

Trazemos Fazenda, autora do livro *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*, para nos explicitar sobre a indispensabilidade da integração “[...] como um momento anterior à interdisciplinaridade. É necessário que se reafirme esse aspecto ‘funcional’ da integração; como etapa e não como produto acabado da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2011, p.82). Em seguida, a mesma autora nos esclarece o conceito interdisciplinaridade, “[...] utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência [...]” (FAZENDA, 2011, p.73). Salientamos esse ponto de vista pois estabelece não só a garantia de um saber unificado, mas também permite que todos os envolvidos no processo de conhecer possam refletir e participar do seu funcionamento, entendendo como será a caminhada do mesmo.

Apoiada em Japiassu, Fazenda clarifica a necessidade da integração dos conhecimentos. Vejamos:

É condição de volta ao mundo vivido e recuperação da unidade pessoal, pois o grande desafio ‘não é a reorganização metódica dos estudos e das pesquisas, mas a tomada de consciência sobre o sentido da presença do homem no mundo (JAPIASSU *apud* FAZENDA, 2011, p. 74).

Adicionamos Dewey neste debate, uma vez que o autor nos traz a ideia de que esse processo de vida e de formação não é estático, pois:

Toda educação forma o caráter, forma a personalidade mental e moral, mas a formação consiste na seleção e coordenação das atividades inatas, de modo que estas possam utilizar o material do ambiente social. Mais ainda - a formação não é apenas a formação *de atividades inatas* - mas se efetua *por meio dessas atividades*. É um processo de reconstrução, de reorganização (DEWEY, 1979, p.79, grifos do autor).

Essa reorganização do processo, nos leva a pensar no ser humano enquanto aquele que não se constitui primeiramente apenas como um corpo sensível simplesmente obtendo do exterior os elementos para serem depositados em sua mente, originariamente “vazia”; mas é unidade, “corpo consciente” vitalmente ligado ao mundo, ao qual dirige necessariamente sua consciência, e produz a existência, estabelecendo desse modo relações em que “[...] consciência e mundo se dão ao mesmo tempo” (SARTRE *apud* FREIRE, 1978, p. 81). Como podemos ver, é possível mais uma vez, aproximarmos outros autores ao pensamento deweyano, mesmo que os seus percursos intelectuais tenham obedecido caminhos, tempos e espaços diversos. Ademais, as colaborações que nos oferecem permitem argumentarmos em favor das relações das disciplinas História e Geografia, foco deste nosso trabalho.

Segundo Dewey, na verdade, o homem é um dos elementos que vive no cosmos numa complexa rede de interações, de força, de energias, de experiências, cujo resultado é a alteração permanente da realidade e de si mesmo. Contanto seja o homem possuidor da capacidade de reflexão e de conhecimento, imprime à experiência o atributo de ser cognitiva. Contudo, “[...] a experiência é natureza, é [...] fenômeno do mundo orgânico [...]” (TEIXEIRA, 1965, p. 14). Aqui percebemos uma diferença sutil, mas importante, nas visões de Freire e Dewey sobre o conceito de experiência. Na perspectiva de Freire observamos uma visão notadamente existencialista, enquanto em Dewey o pensamento evolucionista o ajudou a construir uma abordagem de cunho mais naturalista. Conforme tal perspectiva, o mundo por suas inevitáveis contingências, imprevisibilidade e fragilidade, é o lugar em que se observa uma transação permanente e dinâmica de seres orgânicos ou não, humanos ou não, imbricados numa transação que ocorre no transcurso da vida natural desenrolado na ação-sofrimento da ação-reação. Para Freire, no entanto, há uma intrínseca e íntima relação do homem com o mundo a ponto de tornar-se impossível concebermos a existência do homem sem o mundo, sem uma realidade, nem uma consciência absolutamente esvaziada a ser preenchida pela ação externa, mostrando a necessária hifenização da expressão ser-no-mundo ou homem-mundo, ser que vive numa conexão simbólica, emocional, interpretativa, de necessária conquista de patamares superiores de existência, o Ser Mais. Enquanto seres históricos, estamos em constante movimento, porém este movimento deve ser

acompanhado pela reflexão, própria do humano que poderá se encontrar numa dada realidade de forma amplamente consciente, de posse de uma aguçada percepção do mundo. Com efeito, o fator sócio-político em Freire indica o fator da opressão como dificuldade maior para que o “crescimento” possa ser igualmente possível a todos, como o desejava Dewey.

Se quisermos considerar, no entanto, uma composição entre as duas visões, podemos apontar que vida/existência, experiência e natureza/mundo implicam nas coordenadas com as quais o homem constrói a educação para reconstruir as experiências, se libertar das amarras impeditivas ao seu desenvolvimento, utilizando-se dos recursos do pensamento reflexivo ou do pensar bem. Assim, o fio integrador e necessário do homem com o mundo se dá pela experiência que é imediata, é vital, está na própria natureza, na existência dos homens.

No caso de Freire, seria uma “experiência existencial”, capaz de ser apreendida por nós, estudiosos, com os recursos do existencialismo e da fenomenologia, dentre outras fontes teóricas, enquanto que na visão de Dewey há o entendimento de que uma experiência apresenta alcance tão amplo quanto o seja a própria natureza, a vida.³ Quem bem nos explica estas ideias é Teixeira, o grande divulgador das ideias deweyanas no Brasil. Vejamos:

A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem (TEIXEIRA, 1965, p. 17).

Afinal, o que nos diferencia dos demais seres vivos é a capacidade de aprender e sobretudo, por meio da educação, dando significado às coisas, aos atos. Por isso, a princípio, devemos compreender que as atividades educacionais precisam ser realizadas com muita riqueza de significação, uma vez que “Não há limite para a significação, [...] tudo depende do contexto de relações percebidas no qual o ato esteja localizado; o alcance da imaginação para conceber relações é ilimitado” (DEWEY, 1979, p.228).

³ Essas demarcações teóricas não se excluem radicalmente. Podemos perceber que antes, nos ajudam a melhor clarificar os conceitos.

É interessante compreendermos também que na educação existem diversos instrumentos assertivos para propiciar condições, ambientes adequados para uma efetiva significação, como por exemplo, jogos (por meio da gamificação). Essas convenientes situações carecem de ser centradas na experiência vital. Já que “Compete aos educadores proporcionar um ambiente em que esse alcance maior de uma experiência possa ser fartamente estimulado e eficazmente mantido em constante atividade” (DEWEY, 1979, p.230).

Uma grande dificuldade enfrentada pelas escolas é como individualizar um processo, sendo que ele é trabalhado de forma coletiva. A experiência individual possibilita ao ser humano apropriar-se dos resultados obtidos no grupo a que pertence. Partindo do ponto em que é ilimitada nossa capacidade de aprender, cabe compreendermos que por meio do conjunto, aprender e perceber o mundo, é que a pessoa se torna apta a apropriar-se do conhecimento. Assim “Quanto mais a pessoa apreende e percebe, tanto maior será a sua capacidade para assimilação ulterior” (DEWEY, 1979, p.229).

A responsabilidade da educação nesse momento é a de, principalmente, proporcionar situações problemas que levem os alunos a constância do surgimento da curiosidade. Para melhor explicitar essa ideia, trazemos Dewey (1979, p.229) que afirma: “Quanto mais a pessoa apreende e percebe, tanto maior será a sua capacidade para assimilação ulterior. Com as curiosidades novas surgem novas receptividades e com o acréscimo adquirido de conhecimentos surgem novas curiosidades”. Deste modo, a curiosidade é:

[...] consequência necessária do fato de que uma experiência é uma coisa móvel e em marcha, buscando toda a espécie de relações com outras coisas. A curiosidade é apenas o desejo de perceber essas relações (DEWEY, 1979, p.230).

Devemos entender que essas significações dizem respeito diretamente à vida humana e à natureza ao seu redor. É aqui que conseguimos fazer uma vinculação com a realidade vivenciada pelos alunos do ensino fundamental, nas disciplinas História e Geografia, as quais podem fornecer eficazmente, no meio educacional, um material importante para uma perspectiva intelectual de igual qualidade.

Essas duas disciplinas são responsáveis por aumentar a significação das relações entre o espaço e o tempo em relação aos nossos atos. No entanto, isso só é possível se existir um vínculo com a realidade, pois se não houver, esse ensino criará um abismo, entre o que ele aprende dentro da escola e o que ele vivencia fora dela. Afinal, de novo, experiência é vida.

Em seguida, cabe-nos refletir como realizamos essas atividades! Ensinamos ou aprendemos “só por fazer” ou “dando o devido empenho e valor que elas merecem”?

[...] [Quando] alguém se empenha pelo seu próprio valor, projeta seu alcance para além de sua esfera imediata de ação. Ela não espera passivamente que lhe forneçam conhecimentos que lhe acresçam a significação; procura-os (DEWEY, 1979, p.230, acréscimo nosso).

Cabe pontuar também qual é o nosso papel, enquanto educadores, frente a situações significativas. Dewey nos apresenta a seguinte definição:

O papel do educador na empresa da educação é proporcionar o ambiente que provoque reações ou “respostas” e dirija o curso do educando. Em última análise, *tudo o que o educador pode fazer* é modificar os estímulos ou as situações, de modo que das reações resulte o mais seguramente possível a formação de desejáveis atitudes intelectuais e sentimentais. É óbvio que os estudos ou as matérias do programa têm muito que ver com a função de fornecer um ambiente. O outro ponto é a necessidade de um meio social para dar significação aos hábitos formados (DEWEY, 1979, p.199, grifos do autor).

Estudar/Aprender no contexto das disciplinas de História e Geografia devem significar elementos do processo de ampliação das capacidades de reconhecer as relações humanas, do ponto de vista espacial, temporal e natural. No entanto, o perigo aqui é que essas capacidades sejam reduzidas apenas à transferência de conteúdos apropriados aos fins educativos por meros hábitos e costumes de ensinar ou aprender por obrigação, fugindo do defendido anteriormente por Dewey.

Assim, entendemos como desafio educacional, que o educador tenha consciência da necessidade de que essas disciplinas precisam de certo cuidado na hora de ensinar para que proporcione uma efetiva experiência aos alunos. Diante disso, buscaremos demonstrar a interdependência do estudo de História e Geografia principalmente pelo fato de que “A geografia põe em relevo aspectos físicos e a história aspectos sociais, mas as duas salientam a mesma coisa, isto é, a vida do homem em sociedade” (DEWEY, 1979, p.232).

Neste seguimento, é de real importância compreender qual a função das mesmas. Por esse motivo Dewey nos traz claramente a seguinte descrição: “[...] é enriquecer e dar expansão aos contactos mais diretos e pessoais da vida fornecendo-lhes seu contexto, seus apoios ou fundamentos e sua perspectiva e horizonte” (DEWEY, 1979, p.232).

Em sua visão, a verdadeira solução seria realmente trabalhar essas disciplinas como estudo da natureza sendo reconhecidas como ciências naturais, já que são intimamente interligadas. No entanto, infelizmente, elas têm “[...] sofrido nas escolas pela sua fragmentação, devido a tratar-se isoladamente grande número de pontos” (DEWEY, 1979, p.235).

Deste modo, enquanto profissionais da educação conscientes das necessidades de se ter que romper barreiras que possam interromper o processo de crescimento dos educandos, entendemos que eles deveriam perceber que:

Se não forem ensinadas por motivos exteriores ou como meras espécies de habilidade, seu principal valor educativo será fornecer os caminhos mais diretos e interessantes para o mundo mais vasto de significações contidas na história e na geografia. A história torna explícitos os elementos humanos implícitos, e a geografia as relações naturais; mas estas duas matérias são dois aspectos do mesmo todo vivo, uma vez que a vida humana associada se processa na natureza, que não é seu cenário acidental, e sim o material e o meio de se operar seu desenvolvimento (DEWEY, 1979, p.240).

Vemos que essas ideias buscam projetar aos mais jovens às mais profundas preocupações com o mundo, indispensável à vida, seja estudando a disciplina de História ou Geografia, valendo isso para todas as demais, pois assim não se oblitera as ligações do conhecimento formal com a vida, com as suas experiências primárias mais fundamentais.

Considerações Finais

Diante de todas as inquietações e resultados obtidos nesse estudo, acreditamos ser necessário enfatizarmos nas considerações finais deste trabalho a proposta já inerente ao seu título: “Escola como ambiente social: apontamentos a partir da experiência docente no Ensino Fundamental I”. Intentamos assim compreender a educação atual sob a ótica do interesse social, ou seja, partindo das ações coerentes com a ideia de uma educação entendida como algo inseparável da vida, melhor dizendo,

negando a proposição de um trabalho realizado sob uma perspectiva de “vidas paralelas”, a saber, a escola de um lado, e o mundo realmente vivido, de outro.

Defendemos que a sociedade requer uma educação também diferenciada, aquela que corresponda ao movimento contínuo do homem em seu meio em mudança e no qual ele se encontra operando de forma a controlar conscientemente as suas próprias experiências, contribuindo com a experiência coletiva de homens democraticamente assumindo os seus papéis e responsabilidades, o que se sustenta por uma visão de reciprocidade e compartilhamento na vida social. Desta maneira, o papel da educação escolar deve ser o de elucidar, conscientizar e apresentar a realidade de forma crítica, para que as pessoas que por ali passarem, saiam da experiência escolar como seres pensantes e capazes de separar não só o que é certo do que é errado, mas de saberem sobre os seus direitos e capacidades, podendo abandonar a condição de irrelevância como indivíduos despreparados para atuarem nas diversas instâncias do mundo social, hoje global.

Levando em conta as implicações educacionais expostas ao longo do texto ressaltamos as ideias sobre a questão da interdisciplinaridade, uma vez que consideramos a integração dos saberes sobre a unidade do mundo como necessária ao processo formativo, o que, na verdade, se trata, a nosso ver, de uma necessidade pedagógica, pensando-se na realidade vivenciada já no Ensino Fundamental I.

Assim, considerando a escola adequada à abordagem interdisciplinar, é necessário termos clareza de que “ A interdisciplinaridade é fator de transformação, de mudança social, enquanto a integração [deve ser compreendida] como fim em si mesma [...] e [...] ser uma decorrência natural no processo interdisciplinar” (FAZENDA, 2011, p.83, acréscimos nossos), ou seja, a autora nos mostra que esses conceitos não têm o mesmo significado logo, a instituição deve em sua rotina apresentar integrações de áreas para então poder dizer que seguem a linha da interdisciplinaridade.

Portanto, optamos por estabelecer relação entre as áreas de História e Geografia pelo fato de que ambas estão intimamente ligadas à ideia homem-mundo, já que a finalidade dessas disciplinas se expressa principalmente no desenvolvimento das relações humanas, espaciais, temporais e naturais, como dito. Por isso Fazenda vem defender que

A necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e modificar o mundo, como também por uma exigência interna das ciências, que buscam o restabelecimento da unidade perdida do Saber (FAZENDA, 2011, p.84).

Ademais, não devemos nos esquecer de um agente importantíssimo nesse processo, que é o professor, o qual tem por papel organizar experiências, minimizar o quanto possível as más influências a que os jovens estão sujeitos em condições sociais normais da vida, e facilitar a compreensão dos conhecimentos científicos elaborados que os auxiliem em torná-los indivíduos dotados de pensamento reflexivo.

Finalizamos com uma mensagem para aqueles que também pesquisam melhorias para educação brasileira, enfatizando a necessidade de não só defendermos essas ideias verbalmente, mas também dando o exemplo por meio de ações coerentes, pois como a teoria e a prática são indissociáveis na pedagogia, a educação e a vida também o são.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 maio 2017.
- DEWEY, John. *Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas, v. 21).
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: Efetividade ou ideologia*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011. 6. ed. Disponível em: <http://www.pucsp.br/gepi/downloads/PDF_LIVROS_INTEGRANTES_GEPI/livro_integracao_interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey: esboço da teoria de educação de John Dewey. In: DEWEY, John. *Vida e educação*. São Paulo: Edições Melhoramento, 1965. p. 13-41.

Recebido em: 02/08/2018

Aprovado em: 20/11/2018